

Salvador Fábregas (1825-1877)

O gondoleiro do amor

Texto: Castro Alves

Editoração: Marcílio Lopes

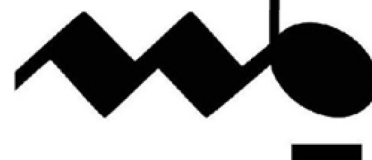
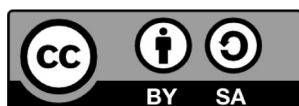
Instituição: Biblioteca Nacional da França

Coletânea: Canções Populares do Brasil

Fonte: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b10072119b/f1.item>

VOZ
(voice)

1 p.

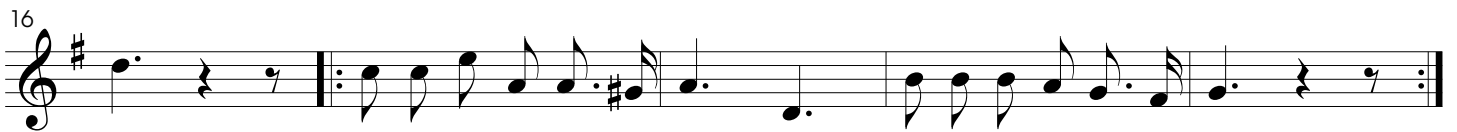


MUSICA BRASILIS

O gondoleiro do amor

Letra de
Castro Alves

Salvador Fábregas



Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos, } *bis*
Como o negrume do mar.

Tem sorriso, é uma aurora,
Que o horizonte enrubesceu,
Rosa aberta com o biquinho } *bis*
Das aves rubras do céu.

Como é doce, em pensamento,
Do teu colo no langor,
Vogar, naufragar, perder-se
O gondoleiro do amor!?

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando à flor,
Douram teus olhos a fronte
Do gondoleiro do amor.

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras,
O gondoleiro do amor.

Teu amor na treva – é um astro,
No silêncio uma canção,
É brisa – nas calmarias, } *bis*
É abrigo no tufão.

Tua voz é a cavatina
Dos palácios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga, } *bis*
Quando a vaga beija o vento.

Teu seio é vaga dourada
Ao túbio clarão da lua,
Que ao murmúrio das volúpias, } *bis*
Arqueja, palpita nua.

Por isto eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dor...
Rosa! Canto! Sombra! Estrela!
Do gondoleiro do amor.

E como em noites de Itália,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O gondoleiro do amor.